

**Programa Saúde na Escola: a vacinação contra o HPV na  
percepção de gestores escolares**

School Health Program: HPV vaccination under the view of school  
principals

Danielly Ferri Gentil<sup>1</sup>

Maria Jose de Jesus Alves Cordeiro<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente estudo tem como objetivo explicitar como ocorreu o processo de vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV) nas escolas participantes do Programa Saúde na Escola (PSE) em Dourados- MS. Para tanto, buscou-se por meio da percepção de gestores escolares identificar as dificuldades em trabalhar o tema HPV e vacinação contra o HPV no ambiente escolar. Trata-se de um estudo qualitativo, respaldado pela Resolução de nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com o parecer de n. 912.045. A coleta de dados ocorreu em fevereiro de 2015 por meio de questionário semiestruturado aplicado ao público de vinte e um gestores escolares. Adotou-se como critério de inclusão para participação no estudo:

---

<sup>1</sup> Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -UEMS, Pós Graduação em Saúde Pública pelo Centro Universitário da Grande Dourados -UNIGRAN e Pós Graduação em Atenção Básica em Saúde da Família pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -UFMS em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz -FIOCRUZ, Mestrado em Ensino em Saúde pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS. Atualmente é técnica de nível superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) lotada na Pró Reitoria de Ensino desenvolvendo atividades no setor de Acompanhamento Pedagógico (SAP).

<sup>2</sup> Possui graduação em Pedagogia - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (1983). Mestrado (1999) e Doutorado (2008) em EDUCAÇÃO - CURRÍCULO pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós Doutora em Educação pelo Instituto de Educação/UFMT, com bolsa do CNPq. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), docente na Curso de Pedagogia, no Mestrado em Educação e Mestrado Profissional Ensino em Saúde.

*Interfaces da Educ., Paranaíba, v.11, n.31, p. 550 - 581, 2020*

ser diretor de escola pública municipal ou estadual do município de Dourados-MS, pertencente ao quadro de funcionários de instituição cadastrada no Programa Saúde na Escola e ainda que na instituição tivessem alunos matriculados na faixa etária recomendada para a vacinação. A análise dos dados foi realizada considerando a técnica de análise de conteúdo e os resultados sintetizados nas seguintes categorias: a) conhecimento sobre o PSE, b) articulação entre setores da saúde e educação, c) forma de abordagem do assunto HPV na escola, d) opinião quanto à vacinação contra o HPV no âmbito escolar, e) capacitação dos professores referente a temas de saúde e HPV, e) dificuldades para trabalhar o assunto vacinação e HPV. Por fim, várias dificuldades foram apontadas pelos gestores no desenvolvimento de atividades de saúde na escola, entre as quais as voltadas à vacinação contra o HPV. Os resultados da pesquisa motivaram a elaboração de um material educativo com o propósito de esclarecer gestores escolares, professores e alunos quanto ao HPV e a vacinação e dessa forma contribuir com as atividades pedagógicas em saúde na escola.

**Palavras-chave:** Saúde do Escolar. Vacinação. PSE.

### **Abstract**

This paper aims to illustrate how the Human Papillomavirus (HPV) vaccination process was carried out at schools participating in the School Health Program (SHP) in Dourados - Mato Grosso do Sul. To this end, through the perception of school principals, we sought to identify the difficulties in working on the theme HPV and its vaccination within the school environment. It should be noted that this is a qualitative research supported by Brazil's National Health Council Resolution n. 466, s. 2012 and approved by the Federal University of Mato Grosso do Sul Central Research Ethics Committee under document n. 912,045. Data collection took place in February 2015 through a semi-structured interview with twenty-one principals. The inclusion criteria to participate in the survey was

to be principal of a municipal or state public school in the municipality of Dourados - MS, besides, the institution had to be registered in the School Health Program, plus having students of the recommended age range for vaccination. Data analysis was performed considering the content analysis approach, thus, the results were synthesized in the following categories: a) knowledge about the SHP; b) articulation between health and education areas; c) how to approach the HPV issue at school; d) opinion on HPV vaccination in the school environment; e) teacher training on health and HPV issues; and e) difficulties in working on the subject of vaccination and HPV. By the end of the survey, the principals pointed out several difficulties in the development of health activities at school, including those aimed at vaccination against HPV. The end-result of this research was the creation of an educational material with the purpose of raising awareness among principals, teachers and students regarding HPV and its vaccination; thus, contributing to the pedagogy in health promotion at school.

**Keywords:** Pedagogy in Health Promotion. Vaccination. SHP.

### **Introdução**

O Papilomavírus Humano (HPV) é um vírus em que a principal forma de transmissão é por via sexual, entretanto, pode ser transmitido durante o parto ou, ainda, por meio de instrumentos ginecológicos não esterilizados (BRASIL, 2018).

Estima-se que existam mais de 150 tipos diferentes de HPVs, sendo a infecção por esses vírus identificada como a responsável pelos cânceres de colo do útero, ânus, vulva, vagina, pênis e orofaringe (BRASIL, 2014).

Convém destacar que 99% dos cânceres de colo de útero, 90% dos casos de câncer anal, 71% dos casos de câncer de vulva, de vagina e de pênis e 72% dos cânceres de orofaringe estão associados ao HPV (BRASIL, 2018).

Diante dos dados apresentados é possível observar a forte ligação entre o HPV e o desenvolvimento de vários tipos de cânceres, entre os quais destaca-se o câncer de colo de útero, responsável pela terceira causa de morte por câncer entre mulheres no Brasil e no mundo (BRASIL, 2018).

A cada ano, cerca de 500 mil novos casos de câncer de útero são registrados, o que representa em média 15% da totalidade dos casos de câncer em mulheres no mundo (FREITAS; SILVA; THULER, 2012).

Por isso, devido a alta incidência o HPV é considerado um problema de saúde pública, sendo imprescindíveis ações direcionadas para a prevenção do contágio por esse vírus e uma das formas de prevenção é por meio da vacinação (LINHARES; VILLA, 2006). Diante dos benefícios da vacinação, vários países de forma gradativa estão incluindo a vacina em seus programas de saúde e até o ano de 2017 em torno de 67, 8% dos países já disponibilizavam a vacina (MOURA, 2019).

Já no Brasil a vacina contra o HPV passou a fazer parte do calendário vacinal do Sistema Único de Saúde (SUS) no ano de 2014 e atualmente é disponibilizada para meninas entre 9 e 14 anos de idade e para meninos entre 11 e 14 anos, além de alguns grupos específicos como os portadores de HIV/AIDS, os pacientes oncológicos e transplantados de órgãos sólidos e medula óssea (BRASIL, 2018).

Contudo, apesar da vacinação ser apontada como uma forma de prevenção contra o HPV, ainda há empecilhos para a sua adesão, como apontam vários estudos realizados no Brasil e no mundo.

São apontados por adolescentes e pais como principais fatores impeditivos a vacinação: o deficit de conhecimento sobre o câncer de colo de útero e o HPV e o medo da injeção (ZANINI et al., 2019 e KWAN et al., 2008), a falta de consentimento dos pais, relacionado a crenças religiosas e valores em relação à atividade sexual (ZANINI et al., 2019), e ainda o temor quanto aos efeitos adversos da vacina (KLOTZLER; KOLIP, 2012; OGUNBAJO et al., 2016; KRAWCZYK et al., 2015).

E são todas essas crenças, mitos e desconhecimentos que podem dificultar a adesão a vacinação, sendo então, necessárias estratégias voltadas ao esclarecimento populacional, a fim de elucidar os possíveis fatores impeditivos.

É relevante destacar que embora a infecção pelo HPV possa acometer pessoas sexualmente ativas de qualquer idade, o seu pico de incidência ocorre logo após o início da vida sexual, ou seja, muitas vezes ainda na adolescência. Por isso, o ideal seria a vacinação de crianças e adolescentes de ambos os sexos em idade anterior à primeira relação sexual (LINHARES; VILLA, 2006; ZARDO et al., 2014).

Vários estudos apontam a relação entre adolescência e o risco aumentado de contaminação pelo HPV, como o de Cirino, Nichiata e Borges (2010) realizado em uma escola pública de São Paulo com 134 adolescentes, que revelou déficit de conhecimentos quanto ao HPV, formas de contágio e prevenção.

Outro estudo entre jovens do Campus da Baixada Santista da UNIFESP, com o intuito de identificar as formas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, apontou que a minoria dos estudantes reconheciam a vacina contra o HPV como um recurso preventivo (COSTA; GONDERBERG, 2013).

Ainda a pesquisa realizada na cidade de Itajaí-SC com 390 escolares entre 12 e 17 anos, a fim de estimar o quantitativo de jovens vacinados contra o HPV, revelou que a maioria dos estudantes não foram vacinados e que os meninos apresentavam um nível inferior de esclarecimento quanto a vacinação em comparação as meninas (KREUGER; LIZOTT; FRIEDRICH, 2017).

Estudo de Jurberg et al., (2015) com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro, mostrou que embora eles já tivessem recebido a primeira dose da vacina contra o HPV, menos de 1% soube correlacionar o HPV a um vírus, 68% desconheciam a forma de

transmissão e apenas 22% apontaram o câncer de colo de útero como uma das consequências da contaminação.

Todos esses estudos reforçam a necessidade de estratégias de esclarecimento quanto ao HPV e a importância da vacinação, principalmente aos adolescentes já que eles são apontados como o público mais vulnerável ao HPV.

Nesse contexto, considerando que a maioria dos adolescentes são estudantes, a escola acaba se constituindo um local estratégico de orientação em saúde. Diante do exposto, atividades educativas realizadas em conjunto pelos profissionais da saúde e da educação voltadas ao HPV são relevantes e precisam ser estimuladas no ambiente escolar.

Carvalho et al. (2019) ressaltam que quando os adolescentes são orientados na escola pelos profissionais de saúde e pelos professores quanto ao HPV e a importância da vacinação, a adesão a vacina torna-se mais efetiva.

Fato que pode ser confirmado por meio do Inquérito da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) realizado em 189 países, o qual revelou que os países que realizaram a estratégia de vacinação contra o HPV nas escolas, obtiveram resultados superiores quanto às metas de vacinação em comparação a países que não realizaram (BRASIL, 2018).

No Brasil a primeira dose da vacina contra o HPV também foi administrada nas escolas como uma estratégia de atingir a meta de pelo menos 80% das crianças e adolescentes vacinados. Para Torres, Nascimento e Alchieri (2013) e Silva et al. (2018), o incentivo para a realização de ações de saúde no ambiente escolar são essenciais, uma vez que vários estudos apontam a escola como o principal local em que os adolescentes buscam informações sobre saúde.

Esse relevante papel da escola como cenário de práticas educativas em saúde já é reconhecido há algum tempo, contudo é na atual conjuntura que se observa uma maior convergência entre as políticas públicas voltadas

à saúde do escolar, o que pode ser constatado através da criação do Programa Saúde na Escola (PSE).

O PSE instituído pelo Decreto interministerial nº 6286/2007 tem como objetivo atenção integral a saúde de estudantes de escolas públicas do Brasil ao propor um novo modelo de política educacional em saúde, por meio da articulação de saberes e da aproximação de profissionais da saúde e da educação, assim como também de estudantes e pais no desenvolvimento de ações de saúde na escola (BRASIL, 2007).

Entre as ações de saúde propostas no âmbito do PSE estão as direcionadas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva por meio de atividades voltadas ao combate das doenças sexualmente transmissíveis, entre as quais o HPV.

Em síntese, diante de toda a problemática até aqui apresentada referente ao HPV ser um vírus altamente contagioso e de alta incidência que afeta principalmente adolescentes em idade escolar, os quais se mostram altamente suscetíveis à aquisição do vírus.

E considerando a vacinação contra o HPV um assunto incipiente, contudo no ano da realização dessa pesquisa, a qual ocorreu concomitantemente e propositalmente no ano de lançamento da vacina pelo Sistema Único de Saúde, em que vários mitos, crenças e resistências emergiram na sociedade juntamente com a vacina.

E lembrando ainda que a pesquisa foi aplicada em escolas adeptas a um programa de saúde, o PSE, o que se presume que ao menos nessas instituições são realizadas, ou deveriam ser realizadas atividades educativas em saúde.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo desvendar como ocorreu o processo de vacinação contra o HPV nas escolas participantes do Programa Saúde na Escola (PSE) em Dourados-MS, por meio da percepção de gestores escolares e ainda identificar as principais dificuldades enfrentadas nesse percurso.

## **Metodologia**

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que conforme Richardson (2011) é adequada para a compreensão da natureza de um fenômeno social, ou seja, a investigação voltada para uma análise qualitativa tem como objeto situações complexas ou estritamente particulares.

Quanto a finalidade, caracterizou-se como pesquisa do tipo intervenção, definida por Damiani et al. (2013) como aquela capaz de interferir no ambiente estudado, contribuindo, assim, para mudanças e inovações.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado com questões norteadoras abertas e fechadas, com o objetivo de identificar por meio da percepção de gestores escolares, como ocorreu o processo de vacinação contra o HPV nas escolas cadastradas no PSE em Dourados-MS e as principais dificuldades enfrentadas.

A aplicação dos questionários aconteceu da seguinte forma: em algumas instituições, a pesquisadora conversou com os professores, explicou os objetivos da pesquisa e entregou os termos de consentimento e os questionários e ainda aguardou o preenchimento. Em outras, por opção dos participantes do estudo, os questionários e o termo de consentimento foram deixados nas escolas e recolhidos em um momento posterior.

Previamente ao início da coleta de dados, solicitou-se algumas informações a coordenação da Secretaria de Educação do Município de Dourados-MS, como dados referentes ao quantitativo de escolas adequadas ao Programa Saúde na Escola, assim como a localização dessas instituições.

O cenário da pesquisa foi representado por vinte e uma (21) escolas públicas de Dourados-MS, sendo escolhidas propositalmente escolas cadastradas no PSE. Apesar de vinte e quatro (24) escolas cadastradas - vinte (20) municipais e quatro (04) estaduais-, em duas houve recusa quanto a participação no estudo e uma terceira foi excluída por se tratar de um Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM) e não possuir estudantes em idade propícia para a vacinação.

O quadro 1 mostra a relação de escolas cadastradas no PSE:

**QUADRO 1 – Nome das escolas participantes do PSE no município de Dourados/MS no ano de 2014 e localização.**

<b>Nome da escola</b>	<b>Municipal/Estadual</b>	<b>Localização/Bairro</b>
Albertina Pereira de Matos	Municipal	Jardim Monte Líbano
Álvaro Brandão	Municipal	Centro
Armando Campos Belo	Municipal	Jardim Santa Brígida
Arthur Campos Melo	Municipal	Vila Cachoeirinha
Aurora Pedroso de Camargo	Municipal	Parque Alvorada
CEIM Décio Rosa Bastos	Municipal	Vila Santa Catarina
Clarice Bastos Rosa	Municipal	Jardim Maracanã
Clori Benedetti de Freitas	Municipal	Jóquei Clube
Etalívio Penzo	Municipal	Parque das Nações II
Franklin Luiz Azambuja	Municipal	BNH 4º Plano
Frei Eucário Schmitti	Municipal	Jardim dos Estados
Januário Pereira de Araújo	Municipal	Jardim dos Estados
Laudemira Coutinho de Melo	Municipal	Jardim Santa Maria
Loide Bonfim Andrade	Municipal	Jardim Água Boa
Manuel Santiago de Oliveira	Municipal	Vila Rosa
Maria da Rosa Antunes da Silveira Camara	Municipal	Vila Industrial
Maria da Glória Muzzi Ferreira	Estadual	Jardim Rasselem
Neil Fioravanti	Municipal	Parque Nova Dourados
Profa. Antonia Cândida de Melo	Municipal	Parque das Nações II
Profa. Avani Cargnelutti Fehlauer	Municipal	Jardim Flórida I

Profa. Elza Farias Kintschev Real	Municipal	COHAB II
Pastor Daniel Berg	Estadual	Centro
Presidente Tancredo Neves	Estadual	Parque das Nações I
Vilmar Vieira Matos	Estadual	Jardim Rasselem

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Dourados-MS

O universo da final da pesquisa foi constituído então por 21 gestores escolares e foram estabelecidos como critérios de inclusão para participação na pesquisa: ser diretor de escola pública do município de Dourados-MS, de instituição cadastrada no Programa Saúde na Escola e ainda que nessas escolas tivessem alunos matriculados na faixa etária recomendada pelo Ministério da Saúde para vacinação contra o HPV.

De posse dos questionários foi realizado então a análise dos dados seguindo os procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo (AC), a qual é definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens em três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2010).

A fase de pré-análise consistiu na organização do material, na qual foram selecionados os documentos a serem analisados, formulado as hipóteses e os objetivos da análise. A etapa subsequente, que foi a de exploração do material, foi uma das mais exaustivas, pois, nesse momento, foi realizada a codificação, em que os dados brutos foram organizados e agregados em unidades de registros (UR), as quais permitiram uma descrição das características pertinentes do conteúdo.

A codificação compreende a escolha de unidades de registro, a seleção de regras de contagem e a escolha de categorias. Unidade de registro (UR) é a unidade de significação a codificar, que pode ser o tema, palavra ou frase. A frequência com que aparece uma UR denota-lhe importância. No presente

estudo, o *corpus* foi constituído por vinte e um (21) questionários, tendo sido definida como unidade de registro a frase.

Após a codificação, foi realizada a categorização, que são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns. Na atividade de agrupar elementos comuns, estabelecendo categorias, seguiram-se duas etapas: *inventário* (isolam-se os elementos comuns) e *classificação* (repartem-se os elementos e impõem-se certa organização à mensagem).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa foi destinada ao tratamento dos resultados, ocorreu nela à condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais, é o momento da análise reflexiva e crítica.

O estudo foi respaldado pela Resolução nº466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e todos os procedimentos éticos foram seguidos como: submissão de projeto de pesquisa à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS com o recebimento de parecer favorável de n. 912.045, solicitação de autorização de pesquisa para a Secretaria de Educação do município de Dourados-MS e aplicação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O anonimato dos entrevistados foi garantido, já que foram codificados no texto com a letra Q de questionário seguido da ordem de aplicação destes. Exemplo, o primeiro gestor a responder o questionário foi denominado de Q1 e assim sucessivamente.

Ao término da pesquisa foi elaborada uma cartilha educativa em formato de Histórias em Quadrinhos denominada: Falando sobre HPV na escola. A Cartilha além de esclarecer sobre o que é o HVP, sinais e sintomas, transmissão, prevenção e orientar sobre a vacinação, também tem o propósito de explicitar a importância da realização das atividades em saúde na escola de uma maneira articulada entre professores, profissionais de saúde, alunos e seus responsáveis.

## **Resultados e Discussão**

Através da análise de informações provenientes dos questionários, identificaram-se as seguintes categorias que farão parte dessa seção de resultados e discussões: conhecimento dos entrevistados sobre o PSE; a articulação entre os setores da saúde e da educação no desenvolvimento de ações voltadas ao HPV na escola; a forma de abordagem do assunto vacinação contra o HPV na escola; a opinião dos participantes do estudo quanto à abordagem do tema HPV no âmbito escolar; formação através de cursos/capacitações para abordagem do assunto HPV; as principais dificuldades em abordar a temática HPV na escola.

A seguir será apresentada cada uma das categorias e as questões norteadoras presentes nos questionários, as quais serviram de base para a constituição de cada uma das categorias.

### **Conhecimento dos entrevistados sobre o PSE**

Essa categoria nasceu da seguinte pergunta: O que você conhece a respeito do Programa Saúde na Escola?

Após questionamento quanto ao conhecimento sobre o PSE, foi possível identificar que alguns diretores escolares conhecem muito pouco ou desconhecem o programa, conforme demonstram as respostas a seguir: “Conheço muito pouco” (Q1) “Não conheço” (Q6).

Convém destacar que a pesquisa foi aplicada somente em escolas adeptas a um programa de saúde, o PSE, e por isso, é preocupante esse desconhecimento dos entrevistados quanto ao programa.

Esse desconhecimento pode estar relacionado ao fato de que muitos gestores escolares tiveram contato com o PSE apenas na prática, sem a oportunidade de uma capacitação prévia (GRACIANO, 2014).

Essa vinculação entre a carência de capacitação e o déficit de conhecimento sobre o programa é confirmada com os seguintes

apontamentos: “Conhecimento apenas através da mídia” (Q10); “Conheço apenas o que os meios de comunicação divulgam” (Q18).

As respostas acima vêm ao encontro com outros estudos, também com educadores, como o estudo de Costa et al. (2013) que evidenciou que o PSE é pouco conhecido, ao apontar que aproximadamente 67% dos professores entrevistados desconheciam o programa.

### **Articulação entre os setores de saúde e educação**

Essa categoria nasceu da seguinte questão: Em sua opinião como está ocorrendo à articulação entre os campos da saúde e da educação para trabalhar temas de saúde na escola?

Nota-se, como é falha a interação entre os setores da saúde e da educação no desenvolvimento de ações conjuntas na escola, o que pode ser verificado em uma expressiva quantidade de respostas:

[...] Falta articulação (Q1).  
Articulação está precária [...] (Q4).  
Péssimo, não existe esta articulação (Q15).

Diante do exposto, percebe-se que uma das propostas do PSE que é justamente o desenvolvimento de ações integradas não está ocorrendo em algumas escolas. O que evidencia que a construção de parcerias entre os setores da Saúde e da Educação no âmbito do PSE ainda se constitui em um desafio (SILVA et al., 2014; FARIAS et al., 2016).

O PSE enquanto política estratégica assistencial educativa traz a concepção da intersetorialidade em sua essência, o que exige dos atores envolvidos um constante movimento de construção conjunta de ações direcionadas à população escolar (ALMEIDA, 2013).

A intersetorialidade no âmbito do PSE é definida como:

[...] Uma articulação entre as ações do Sistema Único de Saúde (SUS) com as ações da rede de educação pública, de forma a ampliar o alcance e o impacto de ações relativas aos educandos e suas

famílias, otimizando a utilização dos espaços, equipamentos e recursos disponíveis (BRASIL; MEC, 2011, p.7).

Por outro lado, outros sujeitos da pesquisa já apontaram existir uma aproximação entre os setores da saúde e da educação no desenvolvimento de atividades na escola, conforme expresso a seguir: “Existe articulação com as instituições de saúde [...]” (Q8). “Sempre tivemos uma parceria muito boa com a equipe do posto de saúde [...]” (Q16).

É importante essa articulação entre os setores para a construção de uma sociedade mais saudável (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014 e FERREIRA et al., 2014). Além disso, a escola é considerada um local propício para o estabelecimento de parcerias, visto que, quando as ações intersetoriais estão presentes há um tendência ao êxito das práticas pedagógicas (ALMEIDA; BONFIN, 2014).

Por isso, Carvalho (2015) enfatiza que a interação independentemente de onde ocorre, seja na escola, ou nos serviços de saúde, constitui um percurso fundamental para a melhoria das condições de saúde da população.

Em síntese, através das ponderações dos entrevistados, verifica-se que enquanto algumas escolas estão buscando parcerias e estratégias para ações de saúde na escola, em outras ainda há um longo caminho a ser percorrido.

### **Abordagem do assunto vacinação contra o HPV na escola**

Duas questões foram necessárias para se obter um paronama quanto a abordagem do assunto vacinação e HPV na escola, que foram: O tema HPV e vacinação contra o HPV já foram trabalhados nessa escola com alunos e alunas? Como a ação de vacinação foi planejada e quem participou?

Através das respostas oriundas dessas duas questões, observou-se que o assunto foi trabalhado em sala de aula por alguns docentes e as respostas seguintes mostram a maneira que ocorreu: “[...] Foi abordado pelos professores, em especial na disciplina de ciências” (Q3). “Através de

projetos na aula de biologia e áreas afins”(Q16). “Foi abordado pelo professor e coordenador [...]”(Q19).

É possível observar que em algumas escolas o assunto da vacinação contra o HPV foi abordado, entretanto, apenas em algumas disciplinas específicas como de ciências, é necessário que as questões de saúde sejam debatidas de forma transversal no currículo da escola nas mais variadas disciplinas.

Mas, para isso, é necessário que os professores sejam capacitados e preparados, tenham acesso a materiais didáticos e recebam auxílio de outros setores e de profissionais de outras áreas de formação como os da saúde (ALMEIDA; BONFIN, 2014 e JARDIM; BRETAS, 2006).

Alguns professores consideram importante discorrer sobre o assunto HPV e vacinação na escola e indicaram quais os instrumentos utilizados para falar sobre a temática em sala de aula, como mostra a resposta: “[...] Os professores buscaram conteúdos sobre o assunto, mostrando para a turma em geral a importância da vacina” (Q20).

É relevante a discussão quanto ao HPV na escola, pelo fato de vários estudos demonstrarem que estudantes estão mais propícios a contaminação pelo HPV, como o de Panobianco et al (2013), o qual apontou que 53% dos escolares de uma determinada instituição de ensino não sabiam referir as consequências do contágio pelo HPV.

Ainda, outro estudo com estudantes surdos de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul, mostrou que eles não consideravam o HPV como um vírus sexualmente transmissível (FONTANA; SCHWIDERKE; TRINDADE, 2018).

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de um repensar quanto as práticas educativas direcionadas ao HPV e a vacinação nas escolas, visto que vários estudos têm apontado como insuficiente o conhecimento de adolescentes sobre o assunto, e ainda, considerando que a maioria dos jovens são estudantes, as escolas acabam se tornando locais estratégicos para orientação.

Quando os sujeitos do estudo foram questionados sobre quem participou das ações de vacinação, apenas uma entrevistada referiu à atuação interligada de profissionais da saúde e da educação nas ações de imunização contra o HPV dentro do ambiente escolar, conforme exposto: "[...] as ações foram realizadas pela coordenadora das turmas com os professores e pelos profissionais do posto de saúde através de palestras e vídeos" (Q9).

O fato de apenas uma entrevistada ponderar a atuação conjunta de profissionais de diferentes setores nas ações relacionadas à vacinação na escola, demonstra como ainda está deficiente a relação intersetorial entre os campos da saúde e o da educação.

Tais dados reforçam a imperiosa busca por planejamento e desenvolvimento de atividades em conjunto, no sentido de refletir e debater as temáticas da educação e da saúde e principalmente essa relação, pois, somente assim será possível a construção de ações que de fato sejam efetivas (LEONELLO; LABATTE, 2006).

### **Opinião dos participantes quanto à abordagem do tema HPV na escola**

A pergunta que fez emergir esta categoria consistiu em: Qual a sua opinião sobre profissionais da educação abordar o tema HPV e vacinação com alunos e alunas?

As respostas apontaram opiniões divergentes, enquanto alguns educadores consideram relevante discorrer sobre a temática na escola, outros acreditam que o assunto deveria ser trabalhado apenas pelos profissionais da saúde.

Mas, a maioria dos sujeitos do estudo consideram significativo explicar sobre o HPV na escola, visto que dezesseis (16) entrevistados responderam positivamente a este questionamento, conforme as respostas:

Importante falar sobre o HPV para desmistificar inverdades sobre o assunto e esclarecer sobre a vacinação (Q11).

É tema relevante para toda comunidade escolar e seria interessante que fosse abordado pelos profissionais da educação [...] (Q17).  
Penso que a escola deve sempre abordar temas relacionados ao bem-estar e saúde dos alunos (Q20).

As opiniões acima vêm ao encontro com apontamentos de outros estudos, como o de Almeida, Bonfin (2014), que enfatiza que os professores precisam ser estimulados a discutir no âmbito das escolas sobre temas de saúde e ainda que estes temas deveriam fazer parte do Projeto Político Pedagógico de forma transversal.

Cabe ressaltar que os professores são atores importantes e fundamentais para que o processo educativo em saúde tenha êxito e muitos reconhecem a relevância do seu papel. Porém, ainda há educadores que não consideram como sua atribuição a abordagem de assuntos sobre saúde, o que pode ser confirmado nos seguintes relatos:

Acredito que quem teria que trabalhar questões de saúde são as pessoas da área de formação em saúde e não os professores (Q2).  
Quem é mais indicado para falar sobre o assunto é o profissional de saúde (Q19).  
[...] Palestras devem ser realizadas por profissionais da área da saúde que possuem mais informação sobre os temas (Q21.)

### **Orientação aos professores para trabalhar o tema HPV e vacinação na escola**

Os professores são peças chaves no processo de educação em saúde na escola, entretanto, muitas vezes ficam impossibilitados de desenvolver a função educadores em saúde, principalmente devido a falta de capacitação e orientação quanto a temáticas que permeiam esse campo.

Nesse contexto, foi utilizado da pergunta a seguir para desvendar se os professores tinham recebido algum tipo de capacitação: Há alguma formação continuada dirigida aos professores de modo a prepará-los para desenvolver o tema HPV e vacinação?

Tal questionamento revelou que todos os entrevistados foram unânimes ao afirmar não terem recebido nenhum tipo de orientação, conforme as frases a seguir: “Não recebi capacitação” (Q2, Q3, Q4, Q5, Q6,

Q8, Q12, Q13, Q14, Q18, Q19). “Teve palestras sobre o tema apenas para os alunos”(Q1).“Os professores e o setor administrativo da escola não tiveram orientação”(Q1).

Tais respostas vão de encontro as diretrizes do PSE, que prevê um processo de formação aos gestores, equipes de saúde e de educação, a partir de um compromisso firmado entre as três esferas de governo, por meio da formação de grupos de trabalho intersetorial e educação permanente em relação aos vários temas de saúde e até mesmo cursos de especialização destinados aos profissionais da área da educação e saúde que atuam no PSE (BRASIL, 2011).

Diante do exposto, observa-se como urgente a necessidade de capacitações contínuas direcionadas a todos os sujeitos envolvidos nas ações de saúde na escola e no PSE, que vão desde os gestores locais e profissionais da saúde, estendendo aos da educação (CHIARI et al., 2018).

A falta de orientação/capacitação contribui para perpetuar preconceitos sobre questões de saúde e, conseqüentemente dificultar que assuntos relevantes como o da vacinação contra o HPV deixem de ser trabalhados. É primordial que ocorra essa capacitação/formação continuada conforme previsto nas próprias diretrizes do PSE (LOURO, 2013).

### **Principais dificuldades apontadas para trabalhar o tema HPV na escola**

Essa categoria foi construída após os sujeitos da pesquisa responder a seguinte pergunta: Existem dificuldades ou facilidades em trabalhar o tema HPV e a vacinação do HPV na escola?

Além da pergunta acima, também serviu de base para elaboração da presente categoria, um espaço no questionário que foi reservado para o registro de opiniões, considerações e sugestões quanto as ações de vacinação contra o HPV realizadas nas escolas.

De posse das respostas foi possível observar como principais obstáculos: a falta de integração entre os setores da saúde e da educação; a falta de informação/orientação dos professores quanto ao assunto; a

resistência à vacinação e a necessidade de orientação aos alunos quanto ao HPV por parte de familiares.

A falta de integração entre os setores da saúde e da educação foi elencada como uma das dificuldades, demonstrada quando um dos participantes ao se questionado quanto aos entres em trabalhar o tema HPV e vacinação na escola, responde: “Interrupção das aulas” (Q1).

Mas, diante da presente resposta questiona-se qual a relação entre a interrupção das aulas e a integração entre os setores? A resposta referente à interrupção das aulas nos leva a perceber que a vacinação na escola foi vista como um empecilho ao reduzir o tempo disponível para administração de conteúdos específicos da área da educação em sala de aula.

Tal fato demonstra que as ações de saúde na escola direcionadas ao HPV não estavam sendo desenvolvidas em sinergia entre os setores da saúde e da educação e tampouco em conformidade com o momento pedagógico.

É essencial que as atividades de saúde na escola venham ao encontro com o momento pedagógico que os alunos estejam vivenciando em sala de aula. Para tanto, Brasil (2011) pontua a necessidade de ações planejadas em conjunto, que sejam conduzidas em momentos oportunos e ainda que essas atividades tenham contabilizadas carga horária simultânea tanto para a escola como para as instituições de saúde.

Outra educadora também aponta esse distanciamento entre os campos da saúde e da educação ao ponderar como dificuldade: “A falta de integração dos setores saúde/educação”(Q2).

Esse trabalho conjunto entre profissionais de diferentes setores, principalmente em escolas que participam do PSE é fundamental para garantir os objetivos do programa. Entretanto, para que essa relação se consolide a articulação deve ocorrer desde a gestão por meio do planejamento das ações até a execução dos compromissos assumidos (BRASIL, 2011; CHIARI et al., 2018).

Os gestores escolares também apontaram como uma dificuldade a falta de orientação/formação continuada quanto a temas de saúde, HPV e

vacinação contra o HPV. Conforme pode ser observado nas respostas a seguir: A dificuldade que encontrei foi devido à falta de informação sobre reações da vacina” (Q4). “Dificuldades pois não foi realizada nenhuma capacitação sobre o assunto”(Q5).

O fato da pesquisa ter sido aplicada nos primeiros anos de lançamento da vacina contra o HPV, ou seja, por se tratar então de uma temática incipiente, é comum que muitos professores tenham dificuldades em falar sobre o assunto e que tenham dúvidas sobre o que é o HPV, sinais e sintomas, prevenção e vacinação, somado ao fato de não terem recebido nenhum tipo de capacitação, como mostram as respostas: “Dificuldades, porque nossos profissionais são pedagogos” (Q13). “[...]Dificuldades devido a falta de conhecimento específicos sobre saúde” (Q7).

Estudo de Leonello, Labatte (2006) quanto à percepção de alunos de Pedagogia sobre a educação em saúde na escola na abordagem do currículo, constatou que, apesar deles se sentirem sujeitos importantes e indispensáveis na promoção da saúde do escolar, ainda prevalece o entendimento de que esta atribuição não lhes compete, justamente pelo fato de que em alguns cursos a educação em saúde não é explicitamente abordada no conteúdo curricular durante a formação acadêmica.

Outra dificuldade relatada pelos gestores escolares está relacionada a resistência a vacinação, conforme mostra as frases abaixo:

Certa resistência no início quanto a real necessidade da vacina [...] (Q8).

Há mitos espalhados pelos meios de comunicação que causam resistência [...] (Q11).

Existem dificuldades porque alguns pais são resistentes a vacinação [...] (Q16).

Como já referido anteriormente, pelo fato de a vacinação contra o HPV ser um assunto novo, inclusive em termos de produção científica no Brasil, somado ao desconhecimento de grande parte da população quanto ao assunto, tabus e inseguranças poderão emergir levando a resistência quanto a vacinação.

Daí a importância de estratégias de promoção da saúde sexual, através do esclarecimento sobre o HPV e vacinação, principalmente aos adolescentes e seus responsáveis, a fim de desmistificar mitos que poderiam causar resistência à adesão à vacina .

Um dos principais motivos de resistência por parte dos pais está relacionado a associação da vacinação com o estímulo precoce da atividade sexual e do desconhecimento quanto aos benefícios da vacinação (BRASIL, 2017).

Pesquisa de Osis, Duarte e Sousa (2014), realizada com pais apontou que apenas 8,6% já tinham escutado sobre a vacina contra o HPV, mas após serem orientados dos benefícios da vacinação, e novamente entrevistados, cerca de 94% alegaram que se vacinariam e/ou vacinariam filhos adolescentes, o que demonstra a importância do esclarecimento quanto ao assunto como forma de propiciar uma maior aceitação e adesão a vacina.

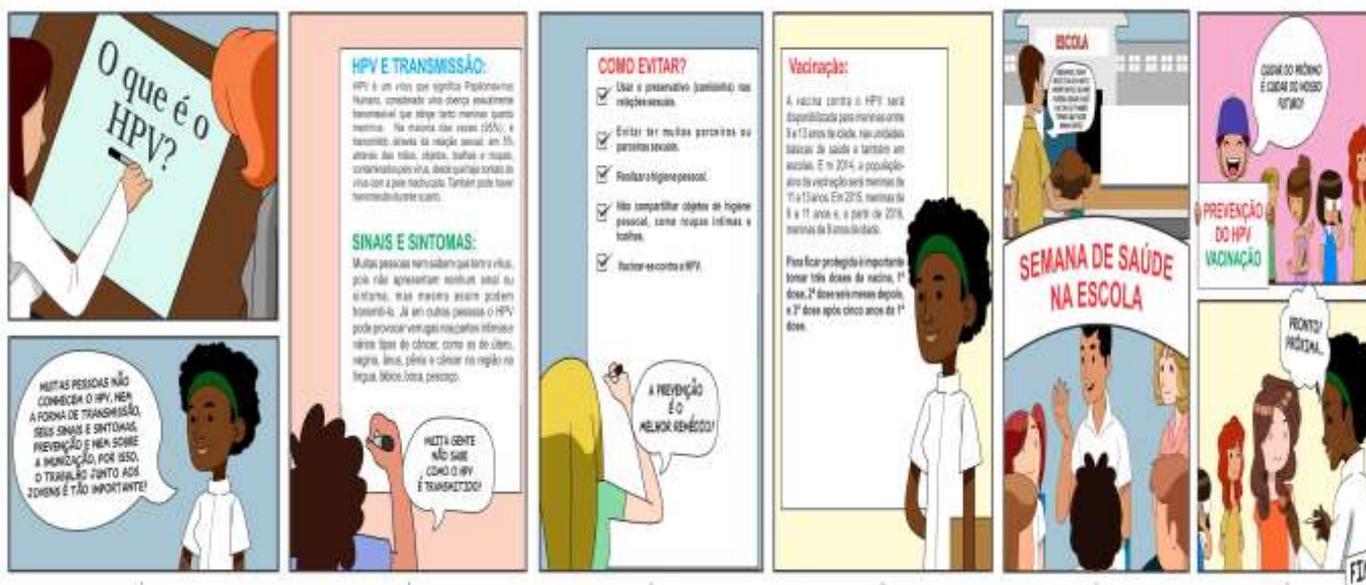
Outra questão apontada como barreira pelos gestores escolares foi o fato de muitos estudantes não terem recebido uma orientação prévia no ambiente familiar sobre o HPV e a vacinação, conforme demonstra o seguinte apontamento:

Por ser o tema HPV (vacinação) um assunto novo para a maioria dos estudantes, há certa dificuldade sim, pois muitos alunos ficam conhecendo o assunto apenas na escola. É importante salientar que a família (pais) também precisam de uma orientação maior para dialogar com seus filhos em relação a este tema [...] (Q17).

O ponto de vista da participante (Q17) assemelha-se com as colocações de alguns autores, como os de Costa et al. (2013) e de Canabarro, Oliverira e Almeida (2019) que ressaltam que as ações voltadas a promover a saúde do escolar devem ter uma corresponsabilização social, ou seja, os vários segmentos da sociedade precisam estar envolvidos, desde instituições de saúde e ensino se estendendo à família e à comunidade em geral.

Por fim, são várias as dificuldades apontadas no estudo quanto ao processo de vacinação contra o HPV nas escolas pesquisadas, sendo assim,





Fonte: GENTIL, CORDEIRO (2015)

### Considerações Finais

Embora a inclusão dos temas de saúde de saúde no âmbito escolar seja uma das propostas das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais e de Programas como o PSE, nota-se que ainda existem vários entraves relacionados ao diálogo sobre saúde na escola.

Os resultados encontrados neste estudo apontaram como dificuldades para a realização de ações educativas voltadas ao HPV nas escolas: o desconhecimento quanto ao PSE e as ações propostas pelo programa, o distanciamento entre os setores da saúde e da educação, a falta de corresponsabilização entre setores da saúde, educação, pais e alunos no desenvolvimento das atividades, a escassez de capacitações destinadas aos professores quanto à vacinação e o HPV e a limitação de materiais educativos para apoiar as atividades.

Ainda, os resultados apontaram divergências de opiniões entre os gestores escolares quanto à atuação destes no desenvolvimento de ações de saúde na escola, enquanto alguns se consideram como peças importantes no

processo educativo em saúde, outros acreditam que não é uma atribuição que lhes compete.

Diante do exposto, observou-se a imperiosa necessidade de uma maior integração entre os campos da saúde e da educação, não somente no desenvolvimento, mas também no planejamento de ações de saúde na escola por meio de uma abordagem interdisciplinar e transversal e ainda que alunos e seus responsáveis também se tornem coadjuvantes das atividades de saúde realizadas.

Sendo assim, é essencial à incorporação das atividades previstas no âmbito do PSE no Projeto Político Pedagógico das escolas, para que temas relevantes e sinérgicos aos aspectos sociais e culturais como o do HPV sejam abordados.

É relevante ainda que os profissionais da educação juntamente com os da saúde trabalhem em consonância, buscando estratégias para o esclarecimento quanto o HPV e vacinação no âmbito escolar, como forma de tornar os estudantes menos suscetíveis a contaminação e mais conscientizados quanto à importância da prevenção.

Sugere-se como ações o desenvolvimento de atividades como oficinas temáticas, eventos de saúde na escola, teatros sobre questões de saúde, confecção e distribuição de materiais como cartilhas, panfletos, entre outros.

Em relação às contribuições dessa pesquisa, almeja-se que esta ao apontar as principais dificuldades, contribua para um repensar quanto às práticas educativas em saúde na escola no município de Dourados-MS e ainda impulse que demais estudos avaliativos sejam realizados de forma sistemática, a fim de identificar se os resultados propostos pelo PSE estão sendo concretizados e, sobretudo, quais são os fatores que estão limitando o sucesso das ações de saúde.

Espera-se ainda, que o material educativo elaborado ao término da pesquisa, possa de uma forma lúdica e dinâmica por meio das histórias em quadrinhos proporcionar o esclarecimento quanto ao HPV, sinais e

sintomas, prevenção e vacinação, e ainda contribuir para uma maior adesão a vacinação e conseqüentemente a prevenção do contágio pelo HPV.

Quanto a possível limitação deste estudo, cita-se o fato da pesquisa não ter contemplado a escuta de outros atores sociais também envolvidos no processo de vacinação além dos gestores escolares, como demais professores atuantes nas escolas pesquisadas e profissionais de saúde.

A escassez de estudos nacionais e internacionais, com objetivos semelhantes ao dessa pesquisa, também limitou que fossem realizadas comparações referentes ao processo de vacinação entre os resultados identificados nas escolas de Dourados-MS com outras realidades e contextos.

### Referências

ALMEIDA, O.S.; BONFIN, T.J. Abordagem da temática saúde sob a ótica dos professores de biologia do ensino médio do município de Itapetinga-BA. *C&D- Revista Eletrônica da Fainor*, Vitória da Conquista, v.7, n.2, p. 57-177, 2014. Disponível em: <  
[srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/287/204](http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/287/204)>. Acesso em: 21 fev. 2019.

ALMEIDA, F. A. *Práticas intersetoriais do programa de saúde na escola: um estudo sobre as ações e interações dos atores sociais envolvidos*. 2013, 220f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário UNA, Programa de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Belo Horizonte, 2013.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010. 281p.

BRASIL. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE / Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Passo a Passo PSE – Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersetorialidade*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passos\\_a\\_passo\\_programa\\_saude\\_escola.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passos_a_passo_programa_saude_escola.pdf)>. Acesso em: 13 de out.2019.

BRASIL. Presidência da República. Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. *Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 dez. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Informe técnico sobre a vacina Papilomavírus Humano (HPV)*: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas Papilomavírus Humano 6,11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente e meningocócica C (conjugada)*: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia Prático sobre o HPV: Guia de Perguntas e respostas para profissionais de saúde*. Brasília, 2017.

BRASIL. Resolução 466/2012. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 12 dez. 2012.

CANABARRO, L, OLIVEIRA, R. A, ALMEIDA, F. A. Educação e Promoção da Saúde no Contexto do Ensino . *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v.10, n.30, p. 224, 245, 2019. Disponível em < <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3893/3273> >. Acesso em: 04 de mar. 2020.

CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25 , n.4, p.1207-1227, 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312015000400009> >. Acesso em: 13 de out.2019.

CARVALHO, A.M.C. et al. Adesão à vacina HPV entre os adolescentes: revisão integrativa. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v. 28, p.1-15, 2019. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0257>>. Acesso em: 22 de mar.2020.

CASEMIRO, J.P.; FONSECA, A.B.C.; SECCO, F.V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 829-840, 2014. Disponível em: < <https://scielosp.org/pdf/csc/v19n3/1413-8123-csc-19-03-00829.pdf> >. Acesso em: 18 abr. 2019.

CHIARI, A.P.G et al. Rede intersetorial do Programa Saúde na Escola: sujeitos, percepções e práticas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, p. 1-15, 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n5/1678-4464-csp-34-05-e00104217.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

CIRINO, F.M.S.B; NICHATA, L.Y.I; BORGES, A.L.V. Conhecimento, atitudes e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. *Revista de Enfermagem Escola Anna Nery* v. 14, n.1, p. 126-134, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000100019> >. Acesso em: 18 abr. 2019.

COSTA, G.M.C et al. Promoção de saúde nas escolas na perspectiva de professores do ensino fundamental. *Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiania*, v.15, n.2, p. 506-515, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i2.15769> >. Acesso em: 18 set. 2019.

COSTA, L. A; GOLDENBERG, P. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.22, n.1, 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010412902013000100022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902013000100022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 01 de mai.2019.

DAMIANI, M. F. et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos de Educação*. Pelotas, v. 45, p.57-67, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/3822/3074>>. Acesso em: 10 de nov. 2019.

FARIAS, I.C.V et al. Análise da Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília, v.40, n.2, p.261-267, 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e02642014>. Acesso em: 27 de fev.2020.

FERREIRA, I.R.C, et al. Percepções de gestores locais sobre a intersectorialidade no Programa Saúde na Escola. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.19, n.56, p. 61-76, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782014000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000100004)>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FONTANA, R.T, SCHWIDERKE, P. F, TRINDADE, M. A. B. As infecções sexualmente transmissíveis na percepção de pessoas surdas. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v.9, n.25,p. 316-335, 2018. Disponível em <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1479/2531>>. Acesso em: 20 de dez.2019.

FREITAS, H.G; SILVA, M.A; THULER, L.C.S. Câncer do colo do útero no estado de Mato Grosso do Sul: Detecção Precoce, Incidência e Mortalidade. *Revista brasileira de cancerologia*, Rio de Janeiro, v.58, n.3, p.399-408, 2012. <Disponível em <https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/591>>. Acesso em: 15 de nov .2019.

GRACIANO, A. M. C. *Percepção de professores sobre a promoção da saúde em escolas públicas do ensino*. 2014, 94f. Tese (Doutorado em Odontologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Odontologia, Minas Gerais, 2014. Disponível

em<[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD9MPL67/1/tese\\_\\_a\\_n\\_d\\_r\\_a\\_monteiro\\_de\\_castro\\_miranda.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD9MPL67/1/tese__a_n_d_r_a_monteiro_de_castro_miranda.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2015.

JARDIM, D.P; BRETAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.59, n.2, p.157-162, 2006. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2019.

JUNBERG, C et al. Conhecimento sobre o HPV entre adolescentes durante a campanha de vacinação. *Revista Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 29-36, 2015. <Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-555?lang=en>>. Acesso em: 21 de fev. 2020.

KLOTZER, A; KOLIP.P. Decision for or against HPV vaccination – a qualitative study with adolescent girls. *Gesundheitswesen*, v.74, n.11, p. 716-721, 2012. <Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22012564>> Acesso em: 22 de fev. 2020.

KRAWCZYK, A et al. Parents decisionmaking about the human papillomavirus vaccine for their daughters: I. Quantitative results. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v.11, n.2, p. 322-329, 2015. <Disponível em: <http://doi.org/10.1080/21645515.2014.1004030>>. Acesso em: 26 de fev. 2020.

KREUGER, M. R. O; LIZOTT, L. S; FRIEDRICH, H. A Imunização contra HPV: nível de conhecimento dos adolescentes. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.38-45, 2017. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=670](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=670)>. Acesso em: 25 de jul.2019.

KWAN, T.T.C et al. Barriers and facilitators to human papillomavirus vaccination among Chinese adolescent girls in Hong Kong: a qualitative-  
*Interfaces da Educ., Paranaíba*, v.11, n.31, p. 550 - 581, 2020

quantitative study Sexually Transmitted Infections. *Sexually Transmitted Infections*, v.84, p. 227-232, 2008. <Disponível em: <https://sti.bmj.com/content/84/3/227>. >. Acesso em: 25 de fev.2020.

LEONELLO, V.M, LABBATE, S. Educação em saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.10, n.19, p.149-166, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n19/a11v1019.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LIMA, D.F; MALACARNE, V; STRIEDER, D.M. O papel da escola na promoção da saúde - uma mediação necessária. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, n. 28, p. 191-206, 2012.

LINHARES, A.C; Villa, L.L. Vacinas contra rotavírus e papilomavírus humano (HPV). *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, v.82, n.3, p. 25-34, 2006. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.2223/JPED.1492> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

LOURO, G.L. *O corpo do educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

MOURA, L. L. *Cobertura vacinal contra o Papilomavírus Humano (HPV) em meninas e adolescentes no Brasil: análise por coortes de nascimentos*. 2019, 91f. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2019.

OGUNBAJO, A. et al . "I think they're all basically the same": parents' perceptions of human papilloma virus (HPV) vaccine compared with other adolescent vaccines. *Child Care Health Dev*, v.42, n.4, p. 582-7, 2016 <Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26990908>> Acesso em: 23 fev. 2020.

OSIS, M.J.D; DUARTE, G.A; SOUSA, M.H. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.48, n.1, p.123-133, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n1/0034-8910-rsp-48-01-0123.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2019.

PANOBIANCO, M.S. et al. O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v.22, n. 1, p.201-207, 2013. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000100024> >. Acesso em: 17 nov. 2018.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas; 2011.

SILVA, K.L et al. Promoção da saúde no programa saúde na escola e a inserção da enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v.18, n.3, p. 623-629, 2014. Disponível em: < <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140045> >. Acesso em: 17 set. 2019.

SILVA, P.M. C, et al. Conhecimento e atitudes sobre o Papilomavírus Humano e a vacinação. *Escola Anna Nery*, v. 22, n.2, p.1-7, 2018. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0390> >. Acesso em: 27 de set.2019.

TORRES, T.R.F; NASCIMENTO, E.G.C; ALCHIERI, I.C. O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Revista Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, Suppl 1, p.16-26, 2013. Disponível em: < [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=391](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=391)>. Acesso em: 11 de fev.2019.

ZANINI, N.V et al. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. *Revista Brasileira Medicina de Família e Comunidade*. v.12, n.39, p.1-13, 2017. <Disponível em: DOI: 10.1590/1413->. Acesso em: 27 de fev. 2020

ZARDO, G.P et al. Vacina como agente de imunização contra o HPV. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.19, n.9, p.3799-3808, 2014. <Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc12\(39\)1253](https://doi.org/10.5712/rbmfc12(39)1253) >. Acesso em: 27 de fev. 2020.